



## **OS X-MEN E A IDEOLOGIA MACHISTA: UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA A PARTIR DE FOUCAULT E ALTHUSSER**

Alan Duarte Araújo (1);

Yasmim Fernanda de Lima Holanda (2);

Dr. Daniel Camurça Correia (3)

*(1)Universidade Estadual do Ceará – duartealanaraujo@hotmail.com;*

*(2)Universidade de Fortaleza – yasmimholanda@hotmail.com;*

*(3)Universidade de Fortaleza – daniel.camurca@unifor.br*

**RESUMO:** Busca-se com este artigo analisar de que modo o discurso proferido pelas revistas em quadrinhos dos X-men, produzidas por Stan Lee, nos permite pensar uma faceta social que insiste em perdurar na nossa sociedade: o machismo. Após uma análise das revistas, percebe-se que as mulheres são tratadas como objetos, tanto para o prazer do homem como objetos de seu próprio prazer, na medida em que, na concepção do autor, e dos desenhistas, as personagens femininas não conseguem ser autônomas em relação aos seus desejos, o que as levam a realizarem atos impulsivos para satisfazê-las. Nesse sentido, as revistas, que se destinam a um determinado público-alvo, auxiliam na propagação de certa concepção machista da mulher. Para a construção desta análise, são utilizados dois autores de forma mais contundente, Michel Foucault e Louis Althusser, na medida em que seus pensamentos nos auxiliam na compreensão do porquê o machismo, enquanto ideologia, continua a existir na sociedade e em que sentido uma retomada da teoria do sujeito pode ser benéfica nesta compreensão e na subsequente desconstrução de uma noção fatalista e naturalista de uma sociedade necessariamente perpassada pelo machismo. Nesse sentido, a metodologia utilizada consiste na investigação das primeiras dez revistas dos X-Men, que fazem parte da primeira série lançada, em 1963, a qual retrata as histórias dos mutantes como “heróis” na sociedade da época. No entanto, foca-se na análise de três cenas apenas, da segunda revista produzida dos X-men, intitulada “Ninguém pode deter o Vanisher”, publicada pela Marvel Comics Group.

**Palavras chaves:** História em Quadrinhos; Machismo; Ideologia.

### **INTRODUÇÃO**

Noam Chomsky, importante intelectual do século XX, concebe uma “história da propaganda” a partir de sua delimitação no período moderno, de forma que o autor relaciona a origem da

propaganda enquanto um instrumento de um governo norte-americano, sob a administração de Woodrow Wilson, que anseia se envolver belicamente na primeira Guerra Mundial e que para isso se vale deste instrumento para manipulação do



povo, até então pacifista. Dessa forma, o governo “*turning a pacifist population into a hysterical, war-mongering population which wanted to destroy everything German, tear the Germans limb from limb, go to war and save the world.*” (CHOMSKY, 1997, p. 8). Chomsky relata que este instrumento de manipulação foi longamente utilizado após este evento, inclusive após terem notado que ele é eficaz ao incutir na população certos afetos, normalmente amedrontadores, que guiam suas ações e pensamentos. Nesse sentido, na visão do autor, tal mecanismo é prejudicial ao bom funcionamento da democracia.

Dito isto, é válido ressaltar que as revistinhas em quadrinhos funcionam de maneira similar, na medida em que não se constituem enquanto um produto “puro”, livre de um autor com intenções específicas. Pelo contrário. A revistinha é uma mercadoria, fruto de um autor, desenhistas, dentre outros colaboradores, que por meio de sua construção transmitem ideias específicas de cunho variado cuja destinação é serem consumidas por um público-alvo. Nesse processo de consumo,

tais ideias são assimiladas e reproduzidas, da mesma maneira que Chomsky concebe a mídia e a propaganda.

No presente artigo, realiza-se uma delimitação das ideias “ocultas” nas revistas, na medida em que a concepção que chega até os consumidores é a de que a única finalidade de tais revistas é serem produzidas para o lazer e divertimento, quando na realidade há uma propagação constante, sutil e machista de objetificação e desvalorização feminina.

Tais considerações permitem pensar, para além de questões de gênero e das dificuldades para a mulher na sociedade, o que vem a ser “o sujeito”. O que explica, inclusive, o motivo da escolha de Michel Foucault e Louis Althusser para embasar tal artigo, na medida em que ambos, nos seus diversos livros, questionam-se acerca do sujeito, não o aceitando já previamente dado, *a priori*, como Descartes e Kant o fizeram, mas indagando-se acerca de sua origem e postulando por fim “a morte do Homem” (BADIOU, 1995, p. 20). Tal concepção se embasa na visão de que o homem, entendido enquanto sujeito, é uma construção, um produto. Enquanto



Althusser (1985, p. 93) coloca na origem do sujeito a ideologia, a qual é responsável por realizar a passagem de “indivíduo” para “sujeito” propriamente dito, Foucault (2003, p. 8) infere um sujeito de conhecimento a partir de práticas sociais específicas, tais como as punições penais, as quais, perpassadas por relações de poder, engendram novos “domínios de saber”, tais como o próprio Direito Penal ou mesmo a Psiquiatria. Portanto, indaga-se: como a mulher é retratada pela revista dos X-men e em que sentido o autor de tais revistas, o Stan Lee, é um “sujeito”, entendido na concepção dos autores utilizados no artigo?

Portanto, as revistinhas dos X-men trazem elementos que nos permitem traçar tais debates, seja sob a óptica do gênero, seja sob a óptica de uma teoria do sujeito, de modo que, para o desenvolvimento da pesquisa, realizou-se um arrolamento das dez primeiras revistinhas que fazem parte da série lançada em 1963.

## **MACHISMO EM CENA**

A primeira vista, pode-se observar na cena da página três da revista da Marvel intitulada “Ninguém pode deter o Vanisher” o Anjo sendo abraçado por inúmeras mulheres, de tal forma que ele se encontra sem ação, surpreso, diante de tamanha comoção feminina, sendo necessário que a Jean Grey corra em “seu auxílio”. O que a imagem na realidade revela, em diálogo com seu criador, Stan Lee, é uma tentativa de colocar o homem na posição de vítima da objetificação. Fato este corroborado pela fala de uma de suas admiradoras: “Segura ele!”, tal qual se lida com um objeto; além do fato do próprio desenho do Anjo, na medida em que ele é desenhado de forma a demonstrar clara inércia diante da surpresa do fato, uma não reação que muito se assemelha a de vítimas de assédio. (LEE, 1963, p. 3)

No entanto, tal construção por parte do autor da revistinha se revela contraditória, uma vez em que o Anjo, enquanto membro dos X-men possui superpoderes, logo, em tese, deve ser capaz de se desvencilhar de uma situação de assédio, principalmente contra “humanos normais”. Ademais, quando a Jean fala que



vai ajudá-lo (denotando a aparente posição de vítima do Anjo, pensado de forma frágil e indefeso), o desenhista a coloca em último plano, enquanto sua fala está em primeiro e a cena de assédio no plano intermediário, denotando que mais importante do que o ato de uma super-heroína se portar como tal, utilizando seus poderes para auxílio de alguém, é o discurso direcionado a uma vítima de assédio e a imagem do Anjo corroborando com este discurso.

A análise mais pormenorizada da cena em questão e da subsequente revela que o X-men não é o verdadeiro objeto, na medida em que ele pode se desvencilhar quando quiser utilizando seus poderes e que, logo adiante, revela gostar da situação. (LEE, 1963, p. 4)

Quem de fato é retratado como objeto são as mulheres, entendidas como assediadoras. Fala-se de objeto em oposição a uma parcela de autonomia que confere ao sujeito capacidade de autodeterminação. Capacidade esta que não se revela na cena, levando em consideração que as mulheres foram retratadas como descontroladas, objetos

dos seus desejos sexuais. O problema, pois, não é o fato da mulher sentir atração sexual, mas o fato do Stan Lee reproduzir o imaginário de que as mulheres são submissas aos seus desejos, não sendo capazes de controlá-los.

Tal concepção do autor das revistinhas é ratificada na mesma página, mas em um diferente quadrinho, em que a Jean chama as mulheres que “assediaram” o Anjo de “assanhadas”, além de comparar aquela situação com o “Dia de *Sade Hawking*”, data norte-americana em que as mulheres perseguem, literalmente, os homens para se casarem, novamente retratando-os como objetos do desejo delas, sendo o homem mera vítima da perseguição. (LEE, 1963, p. 3)

Em consonância com a objetificação feminina, há a idiotização, uma vez que retira a capacidade de autoafirmação das mesmas por meio da razão. Isso se revela na cena em que a Garota Marvel expulsa as outras mulheres com seus poderes, mas elas continuam pensando no beijo do Anjo e que o fato delas estarem levitando é em decorrência do beijo dele.





Ademais, o fato da Jean ter chamado as fãs do Anjo de “assanhadas” revela um certo machismo e conservadorismo por parte do autor, incidido na personagem. Isto é, ele concebe que há mulheres “direitas” e outras não, de forma que o critério para tal distinção se encontra no fato de ceder ao desejo pulsante ou não. E de modo conveniente, ele encarna o ideal de “pureza feminina”, de “mulher direita” na figura da heroína, a qual se arroga, pois, do direito de julgar as outras mulheres não pertencentes a esse padrão arbitrário. Ademais, esta imagem de mulher “forte”, reflexo de uma heroína de fato, é perturbada na medida em que o Stan Lee (1963, p. 3) ou a deixa no último plano da imagem (enquanto as mulheres ditas “assediadoras” estão em um plano à frente) ou, quando a coloca no primeiro plano, de costas, ressaltando seu cabelo. Não obstante, em cena posterior, ainda desmaia nos braços do Anjo. Tais aparentes contradições revelam que nem o próprio autor das revistas consegue sustentar o seu imaginário de heroína forte e independente, em face do seu preconceito.

## **PARA UMA SOCIOLOGIA DAS HQs DOS X-MEN**

Diante do exposto, nota-se que pouco interessa a análise esquizofrênica de personagens inexistentes, mas de perquirir no paralelo que se constitui entre autor e sua obra, e autor e seu meio. Nesse sentido, se analisa as revistas em quadrinhos rastreando o pensamento de Foucault em uma de suas conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na qual tratou da obra *Édipo Rei* de Sófocles. Após longa exposição de suas ideias, foi interpelado pela dúvida de um aluno sobre suas concepções acerca desta obra, de modo que o filósofo francês respondeu: “Não é absolutamente nesse nível que me situo. Não falei de Édipo. E devo dizer que para mim Édipo não existe. Existe um texto de Sófocles que se chama *Édipo Rei*; existe um outro texto de Sófocles que se chama *Édipo em Colona*,” (FOUCAULT, 2003, p. 130) Portanto, Foucault sabe que o personagem é inexistente e não insiste nesse ponto. Na realidade ele está mais preocupado com o que Sófocles revela da história do inquirido a partir desta obra. Da mesma forma, no



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

presente artigo a preocupação se situa no teor machista que o autor das revistinhas denota ao construir seus personagens. Para isso, rejeita-se a tese de um sujeito “puro”, livre de determinações sociais, mas parte-se do pensamento oposto, de um “sujeito de seu tempo”, o qual carrega e reproduz, por meio das revistinhas, o discurso e a ideologia da época, relação esta que não pode ser desvinculada.

Percebe-se que, embora a revistinha tenha sido publicada nos anos 60, o discurso que ela profere ainda está em voga. Ademais, é um discurso multifacetado, na medida em que ele assume diversas formas, mas mantendo o seu núcleo duro. Destas formas, pode-se apresentar como a insistência de que não precisamos do feminismo, ou da supressão do debate de inúmeras discrepâncias sociais que há entre os sexos ou até mesmo na produção e imposição de identidades simbólicas para sujeitos, sob a forma do discurso de que o homem deve ser criado para ser “garanhão”, “pegador”, enquanto a mulher deve ser “recatada”, como uma boa dona de casa. Nas diferentes formas, permanece a essência machista da fala.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser. (BOURDIEU, 2014, p. 96)

Aqui, não se trata de apropriar-se de uma hermenêutica atrasada, principalmente a jurídica, que ainda discute o real sentido das coisas, a verdade por trás da letra do

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



texto, as reais significações da palavra. Na realidade, isso pouco importa, na esteira própria do Michel Foucault. No seu primeiro volume da *História da sexualidade*, intitulado *A vontade de saber*, cunhará Foucault seu pensamento acerca da relação do saber com o poder, a partir do pensamento da época, de que a sexualidade ao longo da história foi marcada pela figura da repressão. Aonde falará o autor: “a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente.” (1988, p. 11) De tal forma é possível desprender que quem detém o poder, ainda que temporariamente, poderá afirmar o que é a “verdade” ou não. Sobre a ligação do sexo com a política, reitera o autor: “também o sexo se inscreve no futuro” (1988, p. 12). Ligação possivelmente acidental com o pensamento do escritor inglês George Orwell (2009, p. 47), na medida em que tanto ele quanto Foucault deixam implícitos que uma das prerrogativas que o grupo detentor do poder possui é alterar a história do passado, a partir do presente, ou alterar a história do presente, a partir do futuro, de tal forma que o grupo que no futuro permanecerá no poder poderá

afirmar a “verdade” sobre o sexo e a sexualidade, atualmente.

A conexão fica mais explícita com a questão da sexualidade na medida em que Foucault redimensiona seu campo de análise. “A questão que gostaríamos de colocar não é por que somos reprimidos mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmo, que somos reprimidos?” (FOUCAULT, 1988, p. 14)

Redimensionamento este que leva a outra passagem da sua obra, na qual ele questiona não a “verdade” da repressão sexual em si, mas o “benefício do locutor” (FOUCAULT, 1988, p. 12). O que nos interessa aqui é a forma do autor de pensar, na medida em que o presente trabalho não pretende perquirir acerca da dita repressão sexual. O autor foge da formulação óbvia, na medida em que ele se questiona quem é o locutor e qual o benefício que este adquire ao inscrever a verdade na lógica do discurso, revelando, portanto, o oculto nas “instâncias de produção discursiva”.

Nesse sentido, em uma lógica discursiva em que a verdade é



politicamente condicionada, é certo Foucault ao afirmar, em *A ordem do discurso*, que a verdade se encontra no próprio discurso, nos seus enunciados. (FOUCAULT, 2003, p. 15) Tal fala se constrói a partir da perspectiva de uma tríade: discurso, desejo e poder. De forma que o discurso não revela apenas o desejo implícito nele, mas que o próprio discurso é alvo do desejo, na medida em que ele é poder. Quem detém o poder é quem igualmente detém o direito ao discurso. Não é à toa a dinâmica da política norte-americana em que se “luta” pelo privilégio de poder denominar, por meio do discurso, quem é terrorista e quem não é. De forma que a arbitrariedade de tal denominação parte de uma posição *a priori* de poder que aquele que fala assume.

[...] na vontade de verdade, o que está em jogo senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.

(FOUCAULT, 2003, p. 20)

Nesse sentido, fica claro o pensamento do Foucault de que o discurso intitulado verdadeiro é atravessado por uma vontade de verdade, a qual é inundada de desejo e poder. Mas, novamente, faz-se preciso o redimensionamento do trabalho, situando a questão, novamente, no “benefício do locutor”, na medida em que, como demonstrado, o autor de um discurso se beneficia dele, em uma relação de duplo condicionamento com o poder, ao detê-lo e exercê-lo. Portanto, é fácil deduzir que quem assume o discurso machista na sociedade, e conseqüentemente se beneficia dele é uma ordem estruturada e conversadora que quer continuar a exercer seus privilégios, principalmente financeiros e sexuais. Mas, deve-se pensar de que modo este discurso continua vigente e de que forma ele se reproduz, ainda que de forma despercebida. Aqui, demonstra-se em que sentido discurso e ideologia estão conectados, e se inicia o estabelecimento de uma relação com o Louis Althusser.





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Louis Althusser (1918 – 1990), filósofo francês, bastante influenciado pelo marxismo, escreve no seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* o que vem a ser uma nova forma de pensar o marxismo em suas relações com a ideologia, superando um entrave que este autor verifica na obra de Karl Marx (1818 – 1883). Para Althusser (1985, p. 63-64), a obra de Marx peca no sentido de se propor a ser uma “teoria descritiva” da Sociedade e do Estado, na medida em que a visão descritiva do Estado, enquanto instância repressora é apenas o início da investigação. Levando em consideração que a parte “descritiva” da teoria compõe apenas o prelúdio, antes que ela vire uma teoria propriamente dita. Para Althusser, o que faltava a teoria de Marx é a alusão aos Aparelhos Ideológicos de Estados (AIE), os quais não se confundem com o Aparelho (repressivo) do Estado, o qual abarca o governo, a administração, a polícia, os tribunais, etc, sendo, entretanto, apenas um. Já o AIE é composto de inúmeras instituições distintas, especializadas, privadas e que funcionam essencialmente por meio da ideologia, e não da repressão, muito embora exista o

fator da repressão. Althusser (1985, p. 69) é claro ao afirmar que não existe Aparelho exclusivamente repressivo ou ideológico, o que ocorre é uma diferenciação de predominâncias. Mas o que vem a ser ideologia no pensamento deste filósofo francês?

Ideologia, para Althusser (1985, p. 85) “[...] representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.” Simplificando, revela-se fruto da relação ilusão e alusão. Portanto, a ideologia não é mera fantasia, nem representa a realidade tal qual. Representação imaginária na medida em que a realidade mesmo é alienada, talvez não somente pelo trabalho, mas pela dinâmica própria de uma “modernidade líquida” em que tudo é absolutamente fluido e opera sob uma lógica de “sociedade do espetáculo”, de tal forma que a dinâmica social não se sustenta mais no ser ou ter, mas no aparentar ter. Percebe-se que de uma forma ou de outra, algo escapa. (DEBORD, 1997)

Ademais, a ideologia possui uma existência real, material, existindo em função de um aparelho e inscrita nos atos



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de práticas materiais dos sujeitos, submetidos a tais rituais. Ritualização, que faz com que a ideologia existia por e para um sujeito, exemplificada por Althusser a partir da dinâmica religiosa, em que o sujeito precisa comparecer à Igreja, praticar determinados atos religiosos, quase que compulsivamente, fazendo com que a ideologia existia e se tornando cada vez mais dependente dela. Uma relação de duplo condicionamento de fato. Nesse sentido, este autor é preciso: “A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos.” (ALTHUSSER, 1985, p. 93), transformando indivíduos abstratos em sujeitos concretos. Mas uma concretude em que algo falta, na medida em que se verificam sujeitos descentrados, no que se refere a sua autonomia, uma vez que seus atos materiais estão carregados de uma ideologia que vem de fora (dos AIE) e os interpela, os pressiona.

Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusive as evidências da ‘transparência’ da linguagem), a evidência de que vocês

e eu somos sujeitos – e até aí que não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Este é aliás o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de ‘evidências’) as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer [...] (ALTHUSSER, 1985, p. 94)

No que se refere ao tema do artigo, ideologia machista, percebe-se que há uma ligação clara com os escritos do Althusser, principalmente quando ele inicia o delineamento dos Aparelhos Ideológicos de Estado que atuam no sentido de interpelar sujeitos à perda de sua autonomia e a adesão à dinâmicas favoráveis ao Estado, o qual sempre está a manifestar a ideologia dominante. O que não exclui polos de resistência, característica própria do poder, ou de uma “microfísica do poder”. Afora isso, um dos AIE mais expressivos nessa lógica é o escolar (fato inclusive citado por Althusser), o qual se ausenta de debater questões de gênero em salas de aula, presos a pensamentos arcaicos. Ademais,



outro aparelho próprio dessa dinâmica e trabalhado no texto, é o midiático, no qual as revistinhas se inserem. Portanto, a correta análise das revistinhas perpassa por todo esse percurso intelectual, de forma que se deve encará-las como um produto ideológico de uma classe conservadora que interpela indivíduos a legitimar tal “dominação masculina”. Para isso, o Stan Lee, enquanto autor de tais revistas, apresenta-se tanto como instrumento de tal dinâmica quanto fruto dela, na medida em que ele não consegue se desvincular de sua visão machista na construção dos personagens e da história.

## CONCLUSÃO

Foi possível com o presente artigo analisar de que forma as revistas em quadrinho do X-men, de autoria de Stan Lee, retratam as mulheres, insistindo na perpetuação de uma visão machista das mesmas, na medida em que subtende-se sua objetificação. Dessa forma, buscou-se analisar as revistas enquanto produto de um sujeito que está refletindo a dinâmica machista da sociedade de sua época, o que, por sua vez, ajuda a disseminar tal

concepção e a torná-la mais resistente. Isto, na medida em que as revistas, além de fruto de um sujeito “não desinteressado” são igualmente uma mercadoria, compondo o quadro midiático descrito por Chomsky anteriormente.

Nesse sentido, o que aparentemente é uma revista destinada a um público específico cuja finalidade é divertir, oculta uma problemática histórica e social relevante. Dinâmica esta própria do machismo, ser sutil. É importante ressaltar tal fato na medida em que o século XX e XXI trouxeram inúmeros avanços sociais para as mulheres, principalmente no âmbito legal, no entanto, diferentemente do que se pode imaginar, isto não demonstra que o machismo findou ou que a luta pelos direitos feministas devam cessar. Significa, na realidade, que se deve voltar a reflexão e análise crítica para os diversos aparelhos midiáticos e buscar compreender qual o sentido que o autor atribuiu ao seu produto, avaliando o subsequente impacto daquilo para a sociedade, tendo em vista que a dinâmica do machismo está cada vez mais sutil.

## REFERÊNCIAS



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Tradução Antônio Transito, Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHOMSKY, Noam. *Media Control: the spectacular achievements of propaganda*. New York: Seven Stories Press, 1997.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEE, Stan. *Os X-men: X-men*. Tradução Eduardo Sales Filho. Nova York: Marvel Comics Group, 1963.

\_\_\_\_\_. *Os X-men: Ninguém pode deter o Vanisher*. Tradução Eduardo Sales Filho. Nova York: Marvel Comics Group, 1963.